

A CULTURA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM COMUNIDADE DE PESCADORES DO PANTANAL

Aparecido Francisco dos Reis¹

RESUMO

O artigo a seguir, tem o objetivo de abordar o processo de interação entre o homem e a natureza no contexto das comunidades de pescadores em Pantanal de Mato Grosso do Sul. Neste sentido serão considerados como traços identificadores do processo de interação: as formas de representação do ambiente físico dos pescadores, o conhecimento sobre a fauna e a flora, assim como, a forma do relacionamento com o ambiente do rio Paraguai e processo de transformação do ambiente pantaneiro.

INTRODUÇÃO

A problemática ambiental tem suscitado importantes discussões no interior do pensamento contemporâneo, sobretudo no campo das ciências da natureza, da geografia e do turismo. No campo das ciências sociais, o ambiente visto como objeto de estudo está, neste momento em plena expansão. Embora não tendo o ambiente natural como objeto de investigação, este artigo procura analisar os processos interação entre a comunidade de pescadores de Corumbá e o Pantanal.

Corumbá é uma cidade com 95.704 habitantes segundo o Censo de 2000, está situada dentro do Pantanal de Mato Grosso de Sul, já na fronteira com a Bolívia, e tem na pesca um dos elementos fundamentais da sobrevivência de um grande número de pessoas, desde pescadores artesanais a hotéis, pousadas, restaurantes e empresas de navegação que circulam com seus barcos de todos modelos e tamanhos nas águas do rio Paraguai e de seus afluentes. O texto produzido é resultado de um projeto de pesquisa sobre as formas de representação social do homem com a natureza do pantanal. No caso específico, tratar-se-á do conhecimento que os pescadores de Corumbá possuem a respeito da flora, da fauna e da pesca no Pantanal, tendo como cenário não somente

toda exuberância da região, mas principalmente o rio Paraguai, fornecedor da água, das vias de transporte, dos alimentos, da vida de homens, mulheres, animais e plantas que nascem, crescem, chegam, partem, vivem e morrem no Mar de Xaraés.

METODOLOGIA

Para tanto, tem-se utilizado a observação sistemática do material simbólico e social com validação qualitativa. No plano simbólico, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas abertas e conversas com pescadores no ambiente da comunidade e rio Paraguai. Há também, logo no início do artigo, um relato sobre as impressões do relevo na viagem entre Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul e a cidade de Corumbá. Numa das viagens feitas de ônibus, houve o contato inusitado com um pescador que fazia o mesmo trajeto, Sr. Mario Israel, que havia ido à capital para reunir-se com demais pescadores do estado.

Durante todo o trajeto de sete horas, pôde-se ouvi-lo falar a respeito de sua vida e de suas impressões sobre as mudanças que o Pantanal vem sofrendo. Nesse sentido, sua fala, assim como a dos demais entrevistados estão sendo consideradas como objetos de análise sobre a produção de conhecimento dos pescadores, incluindo nesse parâmetro, as atitudes favoráveis ou desfavoráveis e as relações entre os significados das representações e as atitudes. No plano social, tem-se levado em consideração a pressão à inferência exercida pelos hábitos, informações e idéias produzidas externamente à comunidade local quanto aos seus interesses, posições ideológicas ou relações pessoais.

Entretanto, no último caso, pôde-se verificar que a pressão exercida por influência de idéias produzidas externamente, vem acompanhada por transformações no ecossistema local, como será visto no decorrer do texto.

O PANTANAL

Entre Campo Grande e Aquidauana, o relevo é todo plano, marcado por uma paisagem monótona de fazendas de criação de gado e algumas lavouras. De vez em quando, de forma bastante esparsa aparece uma área arborizada, mas é uma pequena porção de território, tão ínfima,

que se perde em meio aos extensos campos de vacaria, tudo devastado, ou como disse um viajante.

“Isso era tudo mata nativa, floresta, tinha muito bicho, só tinha mesmo a linha de trem, a Noroeste que ligava Corumbá a Bauru. Depois, há uns trinta anos a gente tinha o avião que vinha pra Campo Grande e pra Cuiabá, mas descia lá em Corumbá. Rodovia faz tempo que tem, já foi de terra, hoje tem asfalto, é ruim, tem muito buraco, principalmente dentro do Pantanal. Gente aqui nunca teve muita, ou era mata e hoje é fazenda, tudo gado, aqui não tem nada bonito de se vê, isso aqui não é Pantanal, o senhor vai ver muita água e muito animal depois de Aquidauna”. (Sr. Mário Israel).

Próximo a Aquidauna, o planalto se irrompe numa fratura profunda, deixando aparecer as falésias encantadoras da Serra de Maracaju, cujas gargantas, que no passado descrito por Lévi-Strauss (1996) em sua viagem pelo interior do Brasil na década de trinta do século passado, abrigaram garimpos, hoje se pode vislumbrar boiadeiros conduzindo gado pelos pastos das fazendas que ficam ao seu redor.

Tão logo se chega à cidade de Aquidauna, na entrada do Pantanal, percebe-se o desejo desta de ser uma cidade cosmopolita. O viajante é recepcionado em dez línguas: português, inglês, francês, espanhol, italiano, alemão, russo, árabe, japonês e terena, sendo esta última, idioma dos povos indígenas da região.

Passando Aquidauna, eis que tudo muda. Entra-se no Pantanal ou como disse Lévi Strauss:

“O maior pântano do mundo, que ocupa a bacia média do rio Paraguai. Vista de avião, essa região de rios serpenteando por entre as terras planas cria o espetáculo de arcos e meandros onde estagnam as águas. O próprio leito do rio parece circunscrito por curvas brancas, como se a natureza tivesse hesitado antes de lhe dar seu traçado atual e temporário”. (LÉVI-STRAUSS, 1996: 151).

De fato, quando em terra o Pantanal parece uma paisagem fantástica, encantadora, onde as manadas de gado bovino se refugiam como em arcas flutuantes no alto das elevações que não foram inundadas. Nos lagos ou charcos submersos, bandos de grandes pássaros

como flamingos, garças e tuiuiús disputam com jacarés, os peixes que ficam presos nas grandes lagoas temporárias. Também é possível visualizar, ao longo do traçado da rodovia, capivaras, veados, emas e aves de rapina.

Porém, o Pantanal de hoje, o Mar de Xaraés dos povos guaicuru, já não pode ser descrito como o local monótono visitado por Lévi-Strauss há setenta anos. Nas últimas quatro décadas, o Pantanal de Mato Grosso do Sul vem conhecendo mudanças mais rápidas do que aquelas implantadas por três séculos de ocupação do homem branco. Durante muito tempo, os pantaneiros – descendentes dos antigos colonos e da mistura com os índios, se moldaram ao ritmo das cheias e vazantes para a criação de gado, a pesca e a agricultura. Agora, ações tomadas pelo “mundo de fora”, sobretudo com a criação da Hidrovia Paraguai-Paraná, têm alterado profundamente a região, colocando em risco o ecossistema, as populações ribeirinhas, como a colônia de pescadores de Corumbá e o próprio desenvolvimento.

“*Em vez de aproveitar o Pantanal, corremos o risco de esgotá-lo*”, alerta Carolina Joana da Silva, bióloga da Universidade Federal de Mato Grosso (Repórter Brasil, 2002), com relação ao assoreamento de rios e córregos, pesca predatória, despejo de esgotos e transformações de comunidades tradicionais e suas conseqüências; são algumas das ameaças à manutenção do meio ambiente local.

Para muitos, Pantanal é sinônimo de peixe. Por isso, durante todo o ano, é possível encontrar à venda anzóis vindos de São Paulo e da região do Triângulo Mineiro. A chamada pesca esportiva movimentava a economia de diversos locais, tendo à frente cidades como Coxim e Corumbá no Mato Grosso do Sul. De donos de chalanas e pilotos de voadeiras (lanchas de alumínio) a pousadas, hotéis e restaurantes, são muitos os que prosperam. Já não se pode falar o mesmo das populações ribeirinhas e dos pescadores tradicionais como é o caso da colônia de pescadores de Corumbá.

A maior parte dos pescadores de Corumbá, que segundo estimativas da Secretaria de Meio Ambiente, Cultura e Turismo de Mato Grosso do Sul, é de aproximadamente 700 famílias que moram na Colônia de Pescadores, situada no nível do rio Paraguai, principal rio do Pantanal, se localizando no nível do rio, entre as águas e a elevação do relevo que compõe sua barranca. O acesso ao restante da cidade de Corumbá dá-se por meio de escadas e trilhas para subir a ladeira de

aproximadamente 100 metros, mas em toda margem do rio, desde a cidade vizinha de Ladário, distante a sete quilômetros de Corumbá, é possível encontrar famílias que vivem das relações que estabelecem com rio Paraguai, seja da pesca, do turismo ou de atividades ligadas ao mundo das águas do Pantanal.

Segundo Shapiro (1982), a forma pela qual os homens participam de qualquer ecossistema depende não só da estrutura e composição do ecossistema, mas também da bagagem cultural dos que entram nele, daquilo que eles e seus descendentes recebem, em seguida, por difusão ou por invenção própria, das exigências externas impostas à população local e das necessidades cuja satisfação, somente poderá ser realizada à medida que esses elementos interajam num processo contínuo de reprodução das condições de existência do grupo social.

No interior do Pantanal, vivem populações indígenas, ribeirinhas, fazendeiros, peões e pescadores tradicionais que usam técnicas de pesca artesanais, portadores de uma cultura, de mitos próprios e de relações com o mundo natural distintas daquelas existentes nas sociedades urbano-industriais. Essas comunidades, possuidoras dessas características, detêm um conhecimento profundo do ecossistema local, o que permite a sua produção e reprodução social no tempo, bem como a manutenção e conservação dos próprios recursos naturais de que dependem para sobreviver.

As influências geográficas e o próprio clima modelaram os aspectos materiais, sociais e culturais do homem pantaneiro em geral, assim como da comunidade de pescadores de Corumbá, que há um século aproximadamente, compõe a paisagem local. Desse modo, a comunidade aprendeu a conviver em harmonia com o "seu mundo" inundado, úmido e seco.

Sua perfeita integração com o ambiente físico local, estimulou-a a dialogar com a natureza e a respeitá-la como patrimônio comum, fazendo desse mundo objeto conceitual de referência, necessário à sua sobrevivência, e, mais que isso, produziu um espaço interativo onde as ações se refletem e se perpetuam no conhecimento acumulado que é repassado aos seus descendentes, em uma visão que o pensamento opera por analogia ao mundo das águas.

Pôde-se verificar isso em um estudo feito por Sílvia Regina Paes (1999) com uma comunidade caiçara habitante do litoral paulista. Esse estudo revela as formas de representação que são elaboradas no contexto

do trabalho (pescaria) e nas relações entre o grupo social e o ambiente circundante, no caso, o mar.

A autora coloca que os pescadores possuem um conhecimento do mar, passado de geração a geração por intermédio da transmissão oral e também através da prática do dia-a-dia. Um pescador deve sempre saber como enfrentar um mar bravo, quando é o momento de não abusar, de não sair para pescar e conhecer profundamente o comportamento dos peixes, dos moluscos e da natureza. No caso, não abusar do mar, significa saber decodificar os sinais que a natureza emite, isto é, as mudanças de vento, o ciclo das marés; o deslocamento, a cor e a forma das nuvens; o movimento dos pássaros; o cheiro do mar. Já os peixes anunciam sua presença pelo tipo de movimento que produzem na água, propiciando aos pescadores a sua identificação:

“Para os caiçaras, é necessário conhecer o mar e respeitá-lo. O conhecimento vem da prática, da experiência e da sabedoria dos mais velhos. A esposa de um pescador, ao se referir a seu marido e ao conhecimento do mesmo sobre pesca, afirma que: “ele conhecia, ele já era prático”. É uma sabedoria que o pescador experiente tem. (...) Conhecê-lo para poder nele navegar e pescar”. (PAES; 1999:30).

Assim, ao se direcionarem para o mar, os pescadores devem ficar atentos e com todos os sentidos em alerta para não ser enganados pela natureza.

NATUREZA E SOCIEDADE

O antropólogo Maurice Godelier (1981). Nesse mostra que o elemento fundamental das relações entre as comunidades humanas e a natureza é o sistema de representações criado no interior do grupo social. É por meio desse sistema que os membros de um grupo social atua sobre o ambiente. O próprio Godelier analisa o caso das representações opostas ou diferenciadas sobre um mesmo ambiente. Trata-se de uma análise feita pelo autor, sobre duas sociedades africanas que partilham do ambiente da floresta equatorial do Congo. De um lado, os Bantos, povos agricultores; e, de outro, dos pigmeus Mbuti, caçadores-coletores. Estes dois grupos, apesar de viverem na mesma floresta, têm para com ela, relações e representações bem opostas. Para

os pigmeus, a floresta representa uma realidade amistosa, hospitaleira, benfeitora para os homens e para eles e dentro dela sentem-se totalmente seguros e protegidos:

“Para os pigmeus, a selva não tem segredos. Conhecem-na perfeitamente e se deslocam e se orientam rapidamente e com facilidade em seu interior. (...) A selva guarda em suas profundezas todas as espécies animais e vegetais que exploram para sobreviver, especialmente os antílopes e um número considerável de espécies vegetais. (...) A selva é também uma realidade sobrenatural, onipresente, onipotente, sob cuja dependência se encontram os pigmeus para sobreviver”. (GODELIER, 1981:54).

Por causa disto, percebem a caça que obtêm, os produtos como outros tantos dons que lhes são proporcionados pela floresta a qual, devem, portanto, respeito, reconhecimento e amor que são expressos nos rituais religiosos do grupo. Por outro lado, os agricultores Bantos vêem na floresta um obstáculo a ser superado com o machado, para cultivar a mandioca e o milho. É um trabalho constante e cansativo devido à exuberância da selva. Outro problema é logo após selva ser desmatada, o solo perde rapidamente sua fertilidade, provocando o deslocamento do grupo em busca de novos territórios para a renovação do processo de produção:

“Além disso, o agricultor banto não conhece bem a selva e raramente se aventura em seu interior por medo de se perder e morrer. Por todas estas razões práticas que se complementam no mesmo sentido, pode-se compreender melhor que para eles a selva se torna terrificante por causa dos espíritos ou das realidades sobrenaturais hostis”. (Godelier, 1981:55).

Segundo Godelier, estes dois modos de percepção e de representação do ambiente físico, repousam na existência de dois sistemas técnico-econômicos. O trabalho dos pigmeus Mbuti é um trabalho de exploração e de aproveitamento dos recursos naturais sem nenhum processo mais complexo de transformação da natureza. Do outro lado, para o caso dos Bantos, a prática da agricultura exige um a criação de mecanismos mais consistentes de controle do ambiente,

portanto, uma atividade constante de transformação da natureza, gerando assim, um ambiente artificial.

Este fato possibilita mostrar que a percepção social do ambiente não ocorre em virtude da determinação que ele exerce sobre as sociedades humanas, mas nas formas de representações mais ou menos objetivas, com juízos positivos ou negativos que os grupos sociais elaboram a respeito do seu meio.

As reflexões de Godelier apontam na direção de mostrar que o pensamento opera por analogia à natureza, permitindo a construção de um mundo numa relação de equivalência de objetos materiais e imateriais que expressam não apenas as relações dos grupos sociais com o ambiente físico, mas igualmente as relações sociais entre os homens. Segundo o autor, isto fica nítido na análise dos mitos das sociedades tribais. O social na representação mítica, traduz a correspondência necessária entre a internalidade do pensamento e a forma da sociedade.

A representação traz aos homens as relações entre eles e a natureza. Dito assim, o pensamento analógico orienta-se para o que ele chama de “efeitos opostos”: humanizando a natureza, este pensamento dota os homens de poderes sobrenaturais comparáveis aos poderes naturais: “Os mitos nascem espontaneamente na intersecção de duas redes de efeitos: os efeitos na consciência das relações dos homens entre si e com a natureza e os efeitos do pensamento sobre esses dados de representação que ele faz entrar na maquinaria complexa dos raciocínios analógicos”. (GODELIER, 1981:26).

Desse modo, Godelier rejeita o determinismo ecológico na formação cultural e, quando fala em "limitações materiais", entende os efeitos combinados, hierarquizados e simultâneos de dados da cultura e de dados da natureza. E, nessa síntese, o elemento fundamental vem mais da cultura e das capacidades produtivas de uma sociedade que das condições naturais. Ao contrário dos marxistas clássicos, Godelier considera que no centro das relações sociais existem também representações, símbolos e mitos, uma vez que:

“Longe de ser uma instância separada das relações sociais, de ser sua aparência, seu reflexo deformado/deformador, as representações fazem parte das relações sociais desde que essas começam a se formar e são uma das condições de sua formação” (GODELIER, 1981:174).

Dessa forma, o pesquisador classifica essas representações em dois tipos, segundo sua função no processo de trabalho:

- a) As representações e os princípios que, como interpretações do real, têm por efeito a organização das formas tomadas pelas diversas atividades materiais (processos de trabalho) e as fases de seu desenvolvimento. São, por exemplo, as taxonomias das plantas, dos animais, dos solos, dos fenômenos climáticos, das regras de fabricação e uso de utensílios, os esquemas de ações materiais e de comportamento simbólicos;
- b) As representações que explicam porque certas tarefas são reservadas aos homens, às mulheres, aos jovens, ou seja, que legitimam o lugar e a posição dos indivíduos em face das realidades que são permitidas ou proibidas.

Para esse autor, o processo de trabalho comporta, portanto, elementos simbólicos mediante os quais os homens não somente agem sobre a natureza visível, mas sobre as potências invisíveis que controlam a reprodução da natureza e podem dar ou recusar uma boa colheita, uma boa caça, uma boa pesca. Nesse sentido, a parte simbólica do processo de trabalho constitui uma realidade social tão real quanto ações materiais sobre a natureza. Essas representações não existem apenas no pensamento, mas também são expressas numa linguagem, a qual representa uma das condições indispensáveis ao aprendizado das técnicas e da sua transmissão.

Estas representações impõem formas sociais em que os homens e com eles as relações sociais são forjadas num consenso que alimenta e estimula o padrão de reprodução da vida social.

Esse padrão de reprodução das relações sociais descritos e analisados por Godelier, permite a compreensão do modo de vida e do processo de conhecimento elaborado no contexto da comunidade de pescadores aqui analisada.

HOMEM E NATUREZA NO PANTANAL

Albana Xavier Nogueira (2002), afirma que no caso das relações entre o homem e a natureza no Pantanal, as comunidades locais aprenderam ao longo dos séculos, a fazer suas próprias previsões, alicerçadas no conhecimento dos fenômenos naturais da região: “Pode-se dizer que o pantaneiro é, ao mesmo tempo, um botânico, zoólogo, um

astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com qual aprendeu a conviver, no dia-a-dia”. (NOGUEIRA, 2002:32).

Assim, observando o comportamento dos animais, dos peixes, da flora, dos astros visíveis, segundo a autora, o homem pantaneiro pode avaliar as condições atmosféricas propícias às enchentes, aos estios, aos locais de pesca e do tipo de peixe, tirando conclusões sobre os modos de agir em relação ao manejo da criação, do plantio e do uso da medicina caseira.

Embora detentora de um conhecimento significativo sobre o ecossistema, as populações locais ainda se mantêm ofuscada pela exuberância e o encantamento que a flora e a fauna exercem sobre visitantes e estudiosos, por isso, toda região pantaneira apresenta ainda, uma realidade socioeconômica e cultural ainda pouco conhecida, no que se refere, especialmente, à forma como as populações locais relacionam-se com os recursos naturais ali existentes, em suas múltiplas dimensões. Sabe-se, todavia, que vive nessa área, ao longo do tempo, uma população significativa que depende além dos produtos agrícolas, do gado e dos peixes, para a sua reprodução social e que, tradicionalmente, desenvolve um estilo de vida próprio decorrente da forma de se apropriar do espaço e dos recursos naturais. Já no rio Paraguai, onde grandes fazendas chegam até às margens do rio, existem menos casas.

Quando reunidos em comunidade, o grupo ainda consegue defender o interesse comum e se fortalece. Já famílias isoladas são mais suscetíveis a propostas e ações externas. Há aqueles que acabam por aceitá-las, vendem sua terra a fazendeiros de outros estados, ou ainda para redes de hotéis e vão para as cidades vizinhas trabalhar na economia urbana.

Assim como as demais populações que habitam e se relacionam com o mundo das águas, a comunidade de Corumbá reproduz sua sociedade e sua cultura por meio de suas atividades econômicas e do uso dos recursos naturais. Na comunidade, são encontrados dois grupos sociais: um dos grupos está ligado a um sistema econômico voltado para o lucro monetário, como é o caso das empresas de turismo de pesca, de navegação, dos hotéis, das pousadas e dos restaurantes. Todos dependem dos recursos naturais, mas não têm idéia ou vontade de preservá-los; outro, que pertence ainda a um sistema familiar tradicional e não há acumulações de bens e lucros, cuida melhor dos recursos naturais dos quais dependem para sobreviver, como é o caso dos

pescadores tradicionais locais que ainda utilizam técnicas artesanais de pesca.

A comunidade de pescadores de Corumbá explora múltiplos recursos do Pantanal: da flora, retiram plantas medicinais; os quintais, onde conservam algumas espécies vegetais remanescentes para sombra e para fins medicinais, cultivam as espécies frutíferas e ornamentais; do rio retiram o seu sustento: a água e o peixe; os corixos e bocas, que retiram em época certa o peixe para o consumo; a baía, recurso considerado por eles como o berçário, o reprodutor do peixes e, além disso, no período de reprodução dos peixes, no qual a pesca fica proibida, desenvolvem atividades diversas como: construção civil, limpeza de quintais, de terrenos baldios e outros afazeres remunerados.

Também em determinadas épocas, fazem coletas de iscas vivas, são piloteiros e guias turísticos. A exploração desses diversos habitats, assim como o desempenho de todas essas atividades, exige não só um conhecimento acentuado dos recursos naturais, dos períodos de reprodução das espécies de peixes, do comportamento dos peixes do Pantanal e as atividades de cada espécie, como também permite que se utilize um calendário complexo dentro do qual se ajustam no ciclo anual das chuvas, integrando os diversos usos dos ecossistemas.

Diegues (1993), considera que manejo dos recursos naturais nas populações tradicionais é dado pela existência dos conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e simbologias que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

O RIO PARAGUAI, AS ÁGUAS E OS PESCADORES: AS FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO.

As relações entre o homem e a natureza no interior do Pantanal reproduz as formas de exploração da natureza feita pela população de pescadores de Corumbá, seguindo uma classificação dos recursos naturais. As mesmas podem ser compreendidas do seguinte modo: os recursos naturais nativos ou preservados e os recursos naturais alterados pela ação antrópica. Nesse sentido, o rio Paraguai é classificado segundo essa divisão: Existem trechos do rio, devido à sua dimensão, ainda inalterados pelo homem, sobretudo, os trechos alagadiços de baias e corixos, mas, o leito do rio já foi amplamente modificado, sofreu aprofundamento e mudança de curso em alguns pontos para viabilizar a

Hidrovia Paraná-Paraguai. É principalmente do rio Paraguai que a colônia de pescadores de Corumbá extrai os elementos necessários para a sua sobrevivência. Além do rio, a colônia é também, dependente das relações que estabelece com a cidade de Corumbá e é diretamente afetada com a instabilidade da economia local. Hoje, em Corumbá, há uma grande preocupação com a situação instável do pescador e da pesca. O esgotamento do estoque pesqueiro é, sem dúvida um dos grandes problemas.

Hoje o que se pesca toda semana e o que se ganha com a venda do pescado mal dá para garantir a satisfação das necessidades alimentares de uma família de pescadores. A pesca predatória, mesmo com fiscalização constante na área, é realizada. O peixe tornou-se escasso, em determinadas épocas do ano, nem se pode pescar, e o pescador passa a depender dos programas assistenciais do Governo. Nos períodos de pesca liberada as baías, os corixos e todo rio Paraguai no entorno a Corumbá são procurados por vários pescadores com numerosas redes e anzóis que rasteiam certas quantidades de peixes.

A forma de percepção da natureza pode ser identificada a partir das relações que se estabelece com o ciclo das águas no rio Paraguai, o maior rio do Pantanal.

A natureza é percebida pela população como sendo tudo que "DEUS" criou e deixou. Deus e Natureza fundem-se em uma entidade. Há também a idéia de que a Natureza está associada com as variações da água, como foi referida pelo morador:

"A natureza aqui em Corumbá é muito variada, às vezes ela é boa, às vezes ela castiga, então Deus é que decide se vai ter muita água ou pouca água para a vazante do rio Paraguai Isso depende da chuva, é da vontade de Deus". (Sr. Miro).

OS PESCADORES E O MUNDO VEGETAL

Além das águas do rio Paraguai, outro elemento importante do conhecimento dos pescadores sobre a natureza, refere-se aos vegetais próprios da região.

A comunidade referida observa o reino vegetal, quando este traz algum benefício na alimentação, na saúde, construção e bem-estar da população. Caso contrário, a vegetação constitui incômodo para as

pessoas, quando pode trazer bichos perigosos como cobras, ratos, insetos e é considerada como uma sujeira e atrapalha o espaço destinado à moradia e ao local de convívio familiar: a casa e o quintal. Embora considerados com seres vivos, os vegetais não são objetos de uma preocupação sistemática que os disponham em categorias, refletindo relações semelhantes ou dessemelhança de modo razoavelmente metucioso, como ocorre em relação aos peixes e aos animais. Entretanto, é possível observar a existência de um conhecimento muito grande a respeito da vegetação da região, tanto nativa, encontrada mais nas partes de mata do Pantanal, quanto de plantas para uso doméstico e medicinal, estas últimas comuns também em outras regiões do Brasil.

As pessoas entrevistadas classificam a vegetação em três categorias: mato, mata, planta.

O mato, para a comunidade, pertence à natureza, isto é, nasce sem ter sido plantado pelo homem. Esse mato quando não mexido ou roçado, com o passar de muitos anos pode se transformar em mata. O mato, portanto, são compostos de vegetação mais baixa, menos densa, por invasoras ou sujeiras, como é referido no local. É bastante comum encontrar o mato dentro das áreas urbanas de Corumbá.

Na mata, são encontradas as madeiras utilizadas nas construções, enquanto que, no mato, mais associado ao mundo da cidade (terrenos baldios), geralmente, encontra-se coisas consideradas como nocivas ao homem: animais peçonhentos, ratos, insetos e outras pragas. Mato e planta, sempre são colocados como opostos: o mato não tem serventia enquanto que as plantas são importantes, porque o homem só realiza o seu plantio se realmente apresentar alguma utilidade e, esta, necessita em parte, dos cuidados para o seu desenvolvimento, portanto, elas são raras, enquanto o mato não há necessidade de cuidados, por ser abundante e de fácil desenvolvimento.

Na aplicação de questionários sobre o conhecimento da botânica da região, obteve-se os seguintes resultados. Foram citadas no decorrer das entrevistas, 41 plantas, algumas consideradas nativas, ou seja, da natureza, outras cultivadas nos quintais das casas dos pescadores. As últimas são principalmente plantas herbáceas já de uso universal. De todas as plantas indicadas, 22 são medicinais, 12 são utilizadas para a construção, oito servem como alimento, 1 para pastagem e 2 como plantas ornamentais. Entretanto, é bom salientar que determinadas plantas como o ipê, o jatobá, o amendoim, a aroeira, o carandá, o

paratudo, a sucupira e a arruda servem a mais de uma finalidade. No quadro abaixo apresentá-se uma relação das plantas mais citadas e conhecidas na comunidade local.

QUADRO I: RELAÇÃO DE PLANTAS CITADAS.

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	USO
Alecrim	<i>Rosmarinus officialis</i>	Medicinal
Arnica	<i>Solidago chilensis</i>	Medicinal
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	Medicinal/ Místico
Acaíá	<i>Spondias lútea</i>	Alimento
Acuri	<i>Scheelea phalerata</i>	Construção
Aguapé	<i>Eichornia spp</i>	Pastagem
Amendoim	<i>Pterogyne nitens</i>	Móveis/Construção
Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i>	Construção
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Construção/Medicinal
Ata	<i>Duguetia furfuracea</i>	Alimento
Bananinha	n. i.	Medicinal
Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i>	Alimento
Cambará	<i>Vocysia divergens</i>	Medicinal
Caninha-do-brejo	<i>Costus sp.</i>	Medicinal
Capim-cidreira	<i>Cybopogon citratus</i>	Medicinal
Capoerava	n.i.	Medicinal
Carandá	<i>Copernicia Alba</i>	Alimento/Construção
Caraguatá	<i>Bromélia balansae</i>	Alimento
Castelo	<i>Calycophyllum multiflorum</i>	Construção
Cedro	<i>Cedrella fissillis</i>	Construção
Chifrinho-de-boi	<i>Acanthospermum sp.</i>	Medicinal
Cipó	n. i.	Medicinal
Erva-de-Santa Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Medicinal
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicofila</i>	Medicinal
Gonçalo	<i>Astronium fraxinifolium</i>	Construção
Hortelã	n.i.	Medicinal
Ipê	<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Construção/ Ornamental
Ipê	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Construção/ Ornamental
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>	Construção/Medicinal /Alimento
Laranjinha	n.i.	Alimento
Malva	<i>Melochia sp.</i>	Medicinal

Maracujá-do-mato	Passiflora sp.	Alimento
Melão-de-são Caetano	Momordica charantia	Medicinal
Paratudo	Tabebuia áurea	Medicinal/Construção
Peroba	Aspidosperma sp.	Construção
Picão	Bidens gardneri	Medicinal
Pronto-alívio	n.i.	Medicinal
Quebra-pedra	Phyllanthus niruri	Medicinal
Sucupira	Bowdichia virilioides	Construção/Móveis
Samambaia	n.i.	Ornamental
Terramicina	n.i.	Medicinal

n.i.: não identificada.

Pode-se verificar, por meio destes dados, que apesar da comunidade de pescadores, estar situada na zona urbana de Corumbá, as pessoas demonstram um grande conhecimento, seja ele quantitativo ou qualitativo de aspectos da flora pantaneira. Esse conhecimento certamente foi adquirido pela tradição da convivência com a família e com vizinhos. O modo mais comum desse tipo de aprendizagem vem por meio do testemunho dos membros mais velhos do grupo comunitário.

OS PESCADORES E A FAUNA

Quanto à distribuição da fauna, a população local a identifica em três *habitats* distintos: os da água, da terra e do ar.

A fauna terrestre é denominada de bicho e de animal. Os bichos seriam aqueles seres que vivem na mata ou nos campos de criação de gado, mais no interior do Pantanal, geralmente distantes do grupo social; seriam aqueles seres que se locomovem, se alimentam e reproduzem, vivem soltos, independentes, sob os domínios da natureza.

Os bichos para a comunidade são divididos em seres úteis e em prejudiciais ao homem. Os úteis são usados para fins alimentares; e os que prejudicam, foram citados, em primeiro plano, os jacarés, as cobras, ratos, sapos e insetos pela sua nocividade, considerados como bichos perigosos, sendo que das cobras, a mais temida pelos pescadores é a sucuri. O jacaré é um animal da água e pode representar perigo, mas ultimamente ele exerce um duplo aspecto: De um lado é um atrativo turístico importante, pois é fácil de ser visto dos barcos de passeio que

navegam no rio Paraguai; de outro representa um competidor do pescador, pois se alimenta principalmente de peixes:

“Os peixes dos rios do pantanal tão acabando não por causa da pesca não, é por causa do aumento da população de jacaré. Tem jacaré demais, ninguém pode matar, é protegido por lei, então ele aumentou e come tudo que acha pela frente”. (Sr. Onofre)

Outro animal da água e muito temido pelos pescadores locais é sem dúvida alguma, a sucuri. Uma cobra constritora que pode atingir até 12 metros de comprimento, mas que alguns pescadores dizem ter até 20 metros:

“Eu nunca vi uma assim, na água não tão grande, a gente vê as menores, mas eu fui numa fazenda aqui perto e vi uma de 20 metros e da grossura de um pneu de trator, um pneu grande”. (Sr. Miro).
“A sucuri é um bicho que hipnotiza a gente, quando se vê uma sucuri não se deve olhar diretamente nos olhos dela não, ela encanta e a pessoa fica olhando pra ela sem piscar, aí ele se enrola e come a gente”.

Na verdade, a sucuri é uma cobra que segundo a literatura científica, se camufla e se mantém imóvel a fim de não ser detectada pelas presas ou por potenciais predadores, mas que no interior do Pantanal isso tem sido interpretado que, além de grande e forte, a cobra possui esses poderes sobrenaturais.

“A sucuri é bem comum aqui no rio Paraguai, ela sai do rio e vem pegar porco, galinha e até cachorro”. (Sr. Vieira).
“Meu pai fala que uma sucuri pegou um boi uma vez e não conseguiu engolir a cabeça do bicho por causa do chifre que não passou pela boca, ela morreu sem fôlego”. (Sr. Miro).

Há também os bichos que não são perigosos, porém não são diretamente úteis ao homem, sobretudo pra os pescadores; no entanto, são respeitados, como o macaco sagui, o quatro-olho, o barriga e o bugio, tipos ocorrentes no local. Todos os entrevistados disseram admirá-los.

"Animal é que nós criamos, como o porco, cachorro, o bicho é criado quase na natureza, mas aqui tá sendo pouco bicho prá nós, tudo isso diminuiu prá nós, desde de cobra diminuiu, acho que a mata ficou pouco, né, muita fazenda dentro do Pantanal né!

(Sr. Onofre).

"O bicho é brabo, o animal é manso, a gente monta nele, como o cavalo, a gente cria ele, tem ele a hora que você precisar dele, é diferente do bicho, o bicho passa aqui, não sabe aonde que ele está".(Sr. Miro).

Entretanto, o animal da terra mais admirado e também muito temido é a onça.

"Outro dia uma onça atravessou a nado o rio Paraguai, chegou do outro lado e pegou um homem aqui perto de Corumbá, dentro da cidade quase. Acharam ele morto. A onça tinha comido as pernas e os braços do homem". (Sr. Mário).

"Olha todo mundo tem medo de onça, elas são sorrateiras e difícil de ver, então o negócio é torcer pra não acontecer, já que não se pode matar uma onça, mas ela pode um homem". (Sr. Israel).

A população elenca também alguns bichos que transitam entre os dois sistemas. Alguns bichos que são de água, como o jacaré já citado acima, a capivara e algumas aves. Todos esses bichos, quando em água não causam danos ao homem, mas quando são encontrados em terra, podem ser prejudiciais. A denominação bicho do mato ou animal não é aplicada às aves, geralmente elas são enquadradas como pássaros de água e de terra. Os pássaros de terra são identificados, muito mais no imaginário do que na vida prática dessas pessoas, uma vez que não são agricultores, como prejudiciais ao homem que planta à terra, porque podem atacar a lavoura. Mas por outro lado, os pássaros de água são aqueles que vivem em contato com o rio. Muitos deles são respeitados e admirados pelo homem, como é o caso de inhuma e tuiuiú.

"Aqui o tuiuiú e a inhuma, ele é bonito, as pessoas ficam muito entusiasmadas com ele". (Sr. Vieira).

"Tem o tuiniú, esse daí não incomoda com planta, ele faz uma limpeza, chega numa baixada que tem os bichinhos que tá, ele faz uma limpeza, até a cobra ele come". (Sr. Israel).

O taiamã também é muito admirado pelos pescadores, pois segundo eles, esse pássaro, anuncia o início da lufada (fartura de peixes).

"O peixe alvoroçou (movimento) no rio, qualquer mudança da água, quem vem primeiro é o taiamã. (sr. Mario).

A população não classifica os peixes como bichos, uma vez que estes não têm relação direta com a mata; não se enquadram como animal, porque são criados na natureza, livres sem precisar dos cuidados do homem, portanto, a única classificação dada pelos pescadores é que peixe é peixe.

Como considerações finais, pode-se afirmar que a relação do homem local, com a natureza no entorno a Corumbá, é, atualmente, no mínimo muito emblemática e, embora não sendo alarmista, corre-se de ver-se essas relações desaparecerem ou transformarem-se em função das formas de exploração do turismo e da fragilidade do ecossistema pantaneiro.

Os pescadores dependem do ciclo das águas no Pantanal para sobreviver; as empresas ligadas ao turismo têm o Pantanal como principal atrativo turístico regional. A exploração sustentável da pesca comercial, artesanal e do turismo de pesca tem sido o debate principal nos últimos anos em Corumbá, entretanto ainda não se definiu um método adequado de exploração dos recursos naturais, sem esgotá-los, o que parece estar ocorrendo muito rapidamente e o que torna mais difícil a vida dos pescadores.

Assim, as relações entre o pescador e os recursos pesqueiros estão sendo ameaçadas pela escassez destes últimos e isso pode ser verificado nas falas do Sr. Mario e Sr. Israel.

"Aqui nós tinha peixe, agora nós temos muito pouco, porque a já não chove tanto como antes. Olha o rio Paraguai nunca mais chegou até limite da barranca, antes ele enchia mais. Também os peixes diminuíram por causa do turismo de pesca que não vira nada pra nós, só pros grandes mesmos, mas hoje nem o turista vem mais, ele vem aqui por causa do peixe, agora tem proibição de pesca, os peixes hoje

são tudo pequeno. Eu pesco desde moleque, naquele tempo tinha peixe grande, hoje não. Pescar é difícil, a gente sai na sexta, fica o dia inteiro fora volta só no sábado e entrega os peixes na colônia, ela vende, mas quem acaba ganhando muito acho são os atravessadores, eles dão o preço, a gente vende barato. Bom mas tem pescador que vende pra particular, pra dono de restaurante". (Sr. Mario)
"Antes nós não conhecíamos a riqueza que temos aqui, agora que conhecemos estão destruindo, como o peixe, ele é igual a nós, tem corpo e sente dor, mas eles estão destruindo". (Sr. Israel)

Na verdade, a diminuição ou o desaparecimento do estoque pesqueiro, não é dado pelo excesso de pesca tradicional, ocorreu muito mais em função da pesca predatória, não fiscalizada realizada no passado, pelo turismo de pesca nos rios do Pantanal e pelas alterações provocadas (garimpo, desmatamento e poluição e extração de minério de manganês) nas cabeceiras destes rios em locais distantes de Corumbá.

De acordo com o Serviço de Controle da Pesca e Aqüicultura de Mato Grosso do Sul, órgão ligado a Secretaria de Meio Ambiente, Cultura e Turismo há uma tendência de sobrepesca para o pacu e o jaú – duas das cerca de dez espécies comerciais da região. Por essa razão, o Conselho de Pesca do estado aumentou o tamanho mínimo de captura desses peixes.

Além da suspensão do cadastramento de novos pescadores, o governo estadual, através de decreto, impôs no início de 2002 uma redução gradativa da captura de pescado. A partir desta data, o turista pode levar apenas um exemplar de qualquer peso, de acordo com os limites mínimos para cada espécie, mais 12 quilos de peixe. Essa quantidade irá diminuindo até 2005, quando será permitido retirar apenas um exemplar. O objetivo é estimular o pesque-e-solte para garantir o estoque pesqueiro. O Festival Internacional de Pesca de Corumbá, que reuniu em 2003 cerca de quatro mil pescadores, tem adotado essa prática. *"Com isso, se pretende estabelecer condições para a recuperação da população de peixes, eliminando a figura do pescador predador que, além de levar nossos peixes, deixa lixo às margens ou dentro de nossos rios"*, afirma o secretário estadual de Meio Ambiente, Cultura e Turismo de Mato Grosso do Sul, Márcio Portocarrero (Programa Pantanal, 2002; 05).

O estado também está proibindo atividades em rios com ecossistemas frágeis ou que sejam berçários de peixes. O governo de

Mato Grosso do Sul tem um projeto em estudo para transformar o pescador em produtor, fomentando associações e gerando infra-estrutura para a criação de peixes em tanques, assim como seu beneficiamento e comercialização, além de programas de capacitação para produção e ecoturismo. Pescadores de Corumbá, muitos dos quais ainda utilizam técnicas artesanais, vivem do peixe há mais tempo do que as empresas que trazem turistas com suas varas de fibra de carbono. Em torno da pesca tradicional, há como foi visto, toda uma cultura com saberes criados nas relações entre o homem e o ambiente pantaneiro, que se perderá à medida que essas comunidades forem incorporadas à instabilidade da economia de mercado. As soluções apresentadas, até agora pelo governo podem representar o fim da pesca tradicional, mas pode não ser a solução para a renovação sustentável do estoque pesqueiro. Os pescadores tradicionais não são o vilão da história, uma vez que 80% dos peixes extraídos dos rios do Pantanal, segundo a Secretaria de Meio Ambiente, Cultura e Turismo são oriundos da pesca amadora ou do turismo de pesca.

BIBLIOGRAFIA

- DIEGUES, A.C.S. (1994), *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB-USP.
- GODELIER, M. (1981), *Antropologia*. (Org). Edgard de Assis Carvalho. São Paulo, Ática.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo 2000.
- LÉVI-STRAUS, C (1996), *Tristes trópicos*. São Paulo, Cia das Letras.
- NOGUEIRA, A. X. (2002), *Pantanal, homem e cultura*. Campo Grande, EDUFMS. 2002.
- SILVA, C. J. (2002), “As transformações no Pantanal”. *Repórter Brasil*, www.reporterbrasil.com.br, 2002.
- PAES, S. R. (1999), *Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara*, in *Cadernos do CERU*, série 2, nº 10, São Paulo, Humanitas.
- Secretaria Estadual de Meio Ambiente, Cultura e Turismo. Programa Pantanal”. (2000), Campo Grande (MT), www.semact.ms.gov.br.
- SHAPIRO, H.L. (1982), *Homem, cultura e sociedade*. São Paulo, Martins Fontes.

NOTAS

¹ Mestre em Ciências Sociais pela UFSCar, Doutor em Serviço Social pela UNESP – Franca. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco.